

4 Sonetos

Antônio Girão Barroso

SONETO

É tão grávido o amor mas tão sutil
O tocar numas mãos que rejubilam
A cinza intemporal e inconsútil
Que faz de nós amigos sem elan.

Ó insensível amar, ó vil tristeza
Senilidade azul destas paragens.
Melhor seria se a tua beleza
Pudesse responder com gargalhadas.

És tu, sim, a mulher que não encobre
Impudores, e o cínico sorriso.
Sou rei, não sou, e longe de ser nobre

Mercadejei a honra, e no impreciso
Do amor (em vã procura) a que se dobre
Rolei a face no impossível riso.

SONETO A LUA

a Artur Eduardo Benevides

Lua branca, como é terrível tua face
No céu escancarado, a se mostrar aos homens
Ó astro fluorescente, a espiar as mazelas
Surgidas cá em baixo, ao toque das espumas.

Mulher, ó dulçorosa, o mar te espelha tímida-
Mente, corça da noite, ó tu, lua fremente
Que navegas ao léu, sem bússola nem norte
Lua branca, vergel, perdida nas alturas.

Continente de gelo, o sangue tu derramas
De virgens sem fanal, ao jeito das marés
Que sacodem o meu barco, a dois passos da terra.

Não te deténs, ó lua, e indiferente estás
A brisa que se espalha, terna como carícia
Ou aos ventos tão febris, que acordam as madru-
[gadas.

SONETO DE UMA FESTA

Os corações jaziam já famintos
Na música do impreciso que não vinha
Na orquestração dos pares em ruído
Que bailavam na sala em verde e azul.

E a vaga sonolenta e indormida
Num ritmo de valsa mal composta
Ia e vinha, num mágico soluço
De velas pandas e águas que corriam.

Foi quando as duras taças se quebraram
Ao beijo tão fatal de duplas faces
Que miravam no espelho, ao som perdido

De vozes de antevéspera de morte
O mistério da vida se esvaindo
em roxo (o pranto!) e glóbulos vermelhos.

O SONETO

As mãos trago amarradas. Mais além
O peito explode e o madrigal não serve.
Já o poema translúcido repete
Mágoas no coração, mágoas em mim.

E é quando da memória o rio, o turvo
Romper de águas na adolescência triste
Misturadas com flores na cabeça
Diz-me para partir sem mais demora.

E se agiganta o laço que me prende
A vida, à bela vida oferecida
Conspurcada no ventre das anêmonas.

Na rouquidão de vozes massacradas
O verso apenas surge, e como chora
No desejo final deste soneto.